



[Atribuição BB CY 4.0](#)

Entre plantas e rezas: reflexões sobre o ofício da benzeção no Quilombo de Mata Cavalo a partir de um processo formativo

Edson Caetano¹
Elidiane Martins de Brito Silva²

Resumo

Este texto traz reflexões sobre a benzeção, enquanto trabalho e educação, exercida por homens e mulheres no quilombo de Mata Cavalo, localizado no município de Nossa Senhora do Livramento no Estado de Mato Grosso. Os dados empíricos resultam do desenvolvimento de uma proposta extensionista que envolveu a realização de oficinas formativas com esses sujeitos sociais presentes no cotidiano do referido quilombo. As ações formativas visam salvaguardar os saberes e os fazeres curativos locais e fortalecer o coletivo dos benzedores e das benzedadeiras. A análise dos resultados foi feita sob a perspectiva do materialismo histórico, a fim de entender os saberes e os fazeres curativos da benzeção, articulados com a produção de suas existências materiais e imateriais no referido território quilombola. Conclui-se que a prática da benzeção, nesse contexto, articula-se a partir da produção da vida associando o poder das rezas, a produção de remédios elaborados à base de plantas medicinais, os saberes ancestrais e a espiritualidade. Dessa maneira, a benzeção praticada pelos quilombolas de Mata Cavalo constitui uma estratégia política e

¹ Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, Graduação em Ciências Sociais pela PUC/CAMP. Professor do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso e líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação – GEPTE. Contato: caetanoedson@hotmail.com

² Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação (GEPTE). Professora da Educação Básica do Estado de Mato Grosso. Contato: elimarbri2008@hotmail.com

cultural ante às problemáticas enfrentadas pela comunidade, assim como outra perspectiva do processo formativo cunhado e produzido a partir da cultura, da história e da realidade sociocultural desse grupo social.

Palavras-chave

Saberes tradicionais; Benzeção; Comunidade Quilombola; Ancestralidade.

Recebido em: 24/03/2022
Aprovado em: 19/07/2022

Between plants and prayers: reflections on the magic blessing profession in the Quilombo of Mata Cavalo from a formation process

Abstract

This text presents reflections on magic blessing, as a work and educational tool, carried out by men and women in the Quilombo of Mata Cavalo, located in the municipality of Nossa Senhora do Livramento in the State of Mato Grosso. The empirical data result from the development of an extension project that involved formation workshops with these social subjects present in the daily life of that quilombola community. The formation actions aim to safeguard local knowledge and curative practices and strengthen the collective of male and female blessers. The analysis of the results has embraced the perspective of historical materialism, in order to understand the knowledge and the curative practices related to magic blessing, articulated with the production of their material and immaterial existences in the aforementioned quilombola community. It has been concluded that the practice of magic blessing in this context is based on the production of life associating the power of prayers, the production of medicines made from medicinal plants, ancestral knowledges, and spirituality. In this way, the magic blessing practiced by the quilombolas of Mata Cavalo constitutes a political and cultural strategy to face the problems in the community, as well as another perspective of the formation process coined and produced by this social group on the basis of their culture, history and sociocultural reality.

Keywords

Traditional knowledges; Magic blessing; Quilombola community; Ancestry.

Introdução

O presente artigo tem a finalidade de refletir sobre o ofício da benzeção exercido no quilombo³ de Mata Cavallo, localizado no município de Nossa Senhora do Livramento-MT. Os dados empíricos deste artigo resultam de oficinas formativas, possibilitadas por meio do projeto de extensão tecnológica, que teve início no mês de julho de 2021, intitulado “Conhecimentos tradicionais e o direito de reconhecimento de benzedoras e benzedores do quilombo de Mata Cavallo/Nossa Senhora do Livramento⁴”, desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação (GEPTE), vinculado ao Programa de Pós-Graduação de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGE/UFMT) com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso⁵ (FAPEMAT). Dessa forma, objetiva-se, com este estudo, resgatar e salvaguardar os saberes e fazeres curativos dos(das) benzedoras(as), garrafeiros(as), erveiros(as), raizeiros(as), especialistas dos chás, entre outros na referida comunidade quilombola. Essa proposta extensionista articula-se a partir de uma pesquisa de caráter qualitativo, que traz em seu bojo a pesquisa participante.

As ações do projeto são desenvolvidas pelos integrantes do grupo de pesquisa, envolvendo estudantes de doutorado do PPGE/UFMT, bem como bolsistas estudantes de cursos de graduação que desenvolvem atividades de apoio ao desenvolvimento desta proposta, inclusive, uma delas, moradora da comunidade. O processo formativo do referido projeto, junto aos(às) curadores(as) locais, foi organizado em 12 oficinas formativas com duração de 2 horas cada, em plataforma de transmissão remota (oficinas gravadas e transmitidas via videoconferência) e mais 2 horas de atividades domiciliares. A proposta formativa tem a finalidade de fortalecer e de encorajar benzedoras e benzedores do quilombo de Mata Cavallo a reivindicar direitos, ocupar espaços e propor alternativas para o fortalecimento das práticas tradicionais de cura e

³ Utilizamos o termo quilombo/comunidades quilombolas ancorados na perspectiva conceitual de Leite (2000, p. 335) que considera o “quilombo como uma forma de organização, de luta, de espaço conquistado e mantido através de gerações” como também um espaço de resistência e luta pela garantia dos territórios tradicionais ainda não reconhecidos pelo Estado Nacional Brasileiro.

⁴ Projeto de Extensão Tecnológica aprovado sob o processo número 0266129/2021 pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (FAPEMAT).

⁵ Órgão governamental que acolhe e ampara o desenvolvimento de projetos de pesquisa científica e inovação tecnológica no Estado de Mato Grosso.

cuidado por meio, especialmente, da criação da Associação de Benzedeadas e Benzedores.

Tal projeto fundamentou-se na Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, aprovada por meio do Decreto nº 5.813, de 22 de junho de 2006, na qual reconhece e valoriza as diferentes práticas populares de uso de plantas medicinais e de remédios caseiros para a cura e o cuidado dos seres humanos. Desse modo, o ofício tradicional da benzeção, atrelado ao uso e ao manejo de remédios feitos de plantas medicinais, fitoterápicos e serviços relacionados à fitoterapia, pode ser considerado uma iniciativa ainda muito tímida do reconhecimento pela ciência e pelo SUS. Isso porque, tal ofício, revela-se como uma prática de saúde ancorada na segurança, na eficácia e na qualidade de serviços prestados à comunidade quilombola local “na perspectiva da integralidade da atenção à saúde” (BRASIL, 2006, p. 21), associando o atendimento médico local ao conhecimento tradicional sobre as plantas medicinais. Ressaltamos também a existência de benzedeadas(as) em outros contextos socioculturais, os(as) quais desenvolvem seu ofício tradicional ancorados na potência curativa da palavra por meio de rezas, de cantos e de oratórias, sem, necessariamente, fazerem o uso e a indicação da fitoterapia em suas práticas de cura e cuidado.

Importante salientar que, inicialmente, a proposta extensionista estava direcionada somente aos(as) benzedeadas(as) do quilombo, posteriormente, o processo formativo estendeu-se a todos(as) que se autodenominavam curadores(as) locais do referido quilombo. As oficinas formativas foram gravadas e, em seguida, transcritas com a finalidade de divulgar e de produzir este e outros textos científicos, protagonizando os saberes tradicionais desse grupo social. Entretanto, neste texto, buscaremos refletir especificamente sobre a atuação dos(as) benzedeadas(as) na comunidade mencionada.

As ações formativas da proposta extensionista exposta possibilitou-nos mapear 12 (doze) curadores da área da benzeção, sendo 7 (sete) do sexo feminino e 5 (cinco) do sexo masculino, na faixa etária de 55 a 76 anos. Os(as) moradores(as) do quilombo Mata Cavalo produzem as suas existências a partir do trabalho no campo, da labuta diária na terra, da criação de pequenos

animais, da produção de garrafadas, de artesanato e de doces regionais, conforme relatos durante as oficinas formativas. As associações⁶ comunitárias são algumas iniciativas de organização coletiva desse grupo étnico e têm, como força motriz, seus saberes culturais, ancestrais e ambientais.

Dessa maneira, compreendemos que a benzeção é um trabalho e uma categoria do trabalho como elemento central na formação humana, tanto no que diz respeito ao desenvolvimento histórico humano quanto para compreender a realidade material de existência. Por meio do trabalho, homens e mulheres transformam a natureza para satisfazer as suas necessidades e, nesse processo, transformam-se e humanizam-se, produzindo diferentes simbologias, linguagens, modos de vida, costumes, relações de produção etc. Concebemos o trabalho em seu sentido ontológico (MARX, 1982), mas também como um princípio educativo (SAVIANI, 2017).

Conforme Kosik (2002), na qualidade de postura investigativa da materialidade, devemos romper com a realidade aparente, avançando para a compreensão da totalidade concreta e, a partir do todo, compreender as partes e, assim, chegar na essência do fenômeno. Dessa maneira, nossas análises estão baseadas no método materialismo histórico dialético enquanto método, postura e práxis de produção de outros saberes e realidades possíveis.

Nossas reflexões debruçam-se, também, de maneira crítica e denunciante, sobre a formatação mercantil e desumanizante do trabalho no modo de produção capitalista, que concebe a força de trabalho e o próprio trabalhador como mercadoria e que se monetarizam em lucros e capital. Acerca disso, Marx (2004, p. 59) refere-se da seguinte maneira:

[...] o trabalhador torna-se tanto mais pobre quanto mais pobre quanto mais riqueza ele produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria, tanto maior número de bens produz. Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz apenas mercadorias; produz-se também a si mesmo e ao

⁶ Moreira Santana Santos (2017) argumenta sobre a importância da atuação das associações para o fortalecimento coletivo quilombola em Mata Cavalo, embora exista alguns conflitos internos. Algumas associações referenciadas pela autora são: a Associação da comunidade de Mata Cavalo de Baixo, a Associação dos produtores Rurais de Mata Cavalo de Baixo e a Associação da Mutuca.

trabalhador como uma mercadoria, e justamente na mesma proporção com que produz bens.

A vertente do trabalho, em favor da produção da existência dos grupos sociais marginalizados, é invisibilizada pelas estruturas coloniais dominantes, a valorização da vida que acontece e se (re)produz no cotidiano por meio das experiências (THOMPSON, 1998). Dessa maneira, a produção da existência abrange a dimensão material e imaterial da vida, diferentes saberes que circulam na esfera popular são construídos, reconstruídos e compartilhados com as gerações futuras. Sobre os saberes tradicionais, aqueles que são oriundos da sabedoria popular, Albuquerque e Sousa (2016, p. 232) afirmam que “há saberes que são ancestrais, que antecedem o surgimento da ciência, que foram e são “gestados no cotidiano de vida e de trabalho”. A construção desses saberes tradicionais está alinhada às identidades de um grupo que, juntamente com seus modos próprios de existência, aprendem e garantem seus territórios ancestrais, como é o caso do quilombo de Mata Cavallo.

O decreto nº 6.040 de 7 de fevereiro de 2007, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, define os territórios tradicionais como “espaços necessários a reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária”. Desse modo, os territórios tradicionais e sua biodiversidade são indispensáveis para que esses grupos sociais elaborem seus modos próprios de reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica pautados em seus saberes e fazeres tradicionais, com base em suas tradições e suas ancestralidades.

Nesse sentido, a seguir, discorreremos sobre o ofício da benzeção em Mata Cavallo, breves reflexões sobre esse trabalho que se produz articulado às diferentes dimensões da existência humana em dado contexto específico de luta e de resistência. Durante a realização das oficinas, entre falas, risos, emoções e muitas discussões, compreendemos o ofício dos(as) benzedeiros(as) conforme suas visões de mundo ante as condições materiais e imateriais de suas existências. Desse modo, no sentido de escuta atenta e de diálogo respeitoso, reverenciamos-nos às sabedorias curativas que dão sentido à vida do(a) benzedeiro(a) quilombola.

A benzeção enquanto ofício e invocação da potência curativa na comunidade quilombola de mata cavalo

[...] e, assim, a gente vai fortalecendo o nosso caminho, persistindo no caminho, e o mundo está precisando muito de reza, as pessoas estão precisando muito de reza, nosso planeta está precisando de reza. E precisamos que as pessoas também aprendam com a sabedoria da terra, com a sabedoria das plantas, das ervas. Aprendam a receber essas informações, essa comunicação, esse amor que é emitido da terra e do céu também, né? Então é um fluxo, assim: nessa linha vertical, do céu para a terra e da terra para o céu; e, também, na horizontal, de nós para todos os nossos irmãos. E é nesse fortalecimento que eu confio, que eu boto fé. E é por isso que eu estou aqui trazendo essa palavra para vocês de confiança, de fé, de amor. Eu espero um dia encontrar vocês aí pessoalmente, receber um abraço, receber uma bênção, aprender com as plantas da região de vocês. Sou muito grata por essa oportunidade, por esse encontro. Fiquem com Deus! E que o manto da Virgem Maria proteja todos nós a todo tempo, que abra o nosso coração para o amor como Jesus nos ensinou, que a gente continue firme e forte nessa jornada, sua bênção! (SABRINA NEGRI, ESCOLA DE ALMAS BENZEDEIRAS, VÍDEO O TRABALHO COLETIVO, ACERVO GEPTE, 18'06", 2021).

168

Com essas palavras carregadas de afeto, a benzedeira Sabrina Negri encerra o vídeo reproduzido na primeira oficina formativa, convocando todos(as) os(as) benzedeiros(as) e demais curadores locais ao fortalecimento coletivo pelo pulsar da vida e pelos encantos da existência, produzidos a partir da prática de cura e cuidado local, especialmente, a benzeção, que, ao mesmo tempo em que abençoa, cura, educa e possibilita as trocas comunitárias, ou seja, os saberes pluralizam-se em redes.

Conforme Brandão (2012, p. 111), é na comunidade que o espaço da vida floresce “[...] e a essência de cada comunidade são os sujeitos e as relações que se estabelecem entre eles e com a natureza”. Dessa maneira, os momentos dialógicos vivenciados nas oficinas formativas possibilitaram aos(as) benzedeiros(as) a reflexão sobre seu ofício de benzer, da importância da natureza e seus territórios na garantia da produção da vida a partir da experiência. Sobre seu trabalho de benzeção, Dona Berenice relata:

Então é assim, essa binzição é um dom da pessoa. Um dom memo, de coração. A gente tem que ter muita fé em Deus e tem que ter um coração bão viu. Que a gente tá livrando as pessoas,

curando as pessoa, ensinando o remédio certo, benzendo na hora certa. Lá em casa, meu pai benzia muita gente, mas eu, assim, eu benzo mais quando num vai lá em casa, que lá é meu lugar de descanso, qualquer lugar que tiver só ligar pra mim: ‘eu tô sentindo isso, isso e isso’. E, também, eu tenho aquele dom de cura, por exemplo, a pessoa faz as coisa e se num me conta: ‘ah tá acontecendo isso, isso e isso comigo’, eu faço as minha oração ao Senhor e vai embora. (BERENICE, 64 ANOS, QUILOMBO DE MATA CAVALO, 23/11/2021).

Percebemos, na fala da benzedeira, a presença de diferentes saberes na prática da benzeção, inclusive, na maneira com que seu ofício está organizado a partir da tríade: diálogo, benção e prescrição, conforme assevera-nos Quintana (1999). Dona Berenice, além de escutar e sensibilizar-se diante da doença do outro, benze e ensina quais remédios devem ser usados para complementar o tratamento do benzido. Toda essa dinâmica da benzeção mobiliza diferentes saberes locais, ambientais e permite a “complexa inter-relação entre crenças-conhecimentos e as práticas”, como propõe Toledo e Barrera-Bassols (2009, p. 40).

Oliveira (1985b) reflete sobre a contradição entre o saber popular e o erudito, ou seja, como esse jogo de forças apresenta-se no cenário social, tendo, de um lado, o saber erudito proveniente da ciência moderna, que se entrelaça aos ideais capitalistas de exploração, de lucro, de individualismo e da opressão; e, do outro lado, o saber popular, fundamentado na vida, nas relações sociais e no ato de resistência política e cultural. Os ritos da benzeção são compreendidos pela autora como uma possibilidade de leitura da identidade, forjada numa relação de afetividade e solidariedade, que sustenta a existência de um nós próprio, assumido pelos diferentes grupos sociais no interior da cultura popular. Dessa maneira, a benzeção protagoniza-se como uma potencialidade política, pois permite a articulação desse ofício ao processo histórico do grupo.

O contato direto com a realidade concreta de Mata Cavallo, a partir dos momentos que antecederam a realização das oficinas formativas, e em visitas aos lares dos especialistas⁷ da cura, possibilitou-nos compreender a situação de vulnerabilidade social em que essas famílias vivem, sendo a benzeção, entre

⁷ A autora Elda Rizzo de Oliveira (1985a) cunha esse termo a partir das diferentes especialidades que se formatam com suporte no trabalho da benzeção em diferentes contextos culturais, históricos e sociais.

outras práticas de cura e de cuidado, entendida como uma necessidade perante a situação socioeconômica em que produzem suas existências. As plantas medicinais, cultivadas em suas hortas caseiras, fazem parte do ofício de ser benzedeiro(a) quilombola de Mata Cavallo. A calorosa acolhida, permitiu-nos adentrar em territórios outros, apreciar e aprender “com eles e elas”, e não “sobre eles e elas”, a missão de construir outros saberes pautados na perspectiva da “Ecologia de Saberes⁸” (SANTOS, 2020). Ao indagarmos sobre as modalidades de benzeção exercidas nesse contexto, as respostas diversificaram-se da seguinte maneira:

[...] benzo. Eu benzo de cobra, eu benzo de arca caída, dor de cabeça... Benzo dos 3 tipo de arca caída. (SEBASTIANA, 67 ANOS, QUILOMBO DE MATA CAVALLO, 06/10/2021).

[...] ein Zé, o home te... eu passei ali em frente de Maria do Catú, ela me cerca na rua é... O netinho dela ruim, caganeira, vomitando. E, às veiz, cê vai com pressa, né? Corpo quente, o prazo de chegar e fazer aquilo que foi fazer... Aí, parei, fiquei quieta assim, falei, mas ela já pediu, eu num vou negar, né? Prá benzer a criança, né? Aí, eu benzi a criança, fui embora. Quando é mais, aí, ontem, era pr'eu cabar de fazer uns serviço que eu tava fazendo, minha cunhada me achou eu lá na rua: ‘vambora vambora’, disviando de lá prá cá, né? Me achou eu de lá pra cá e já passou a mão, e já vim embora com eles. Ficou assim. Hoje, eu vortei. Quando vortei lá, passei nessa mema rua, lembrei da criança, perguntei pá-pá vó dele: _ e o nenê? _ ‘Tá bão!!’ (ANTÔNIA, 74 ANOS, QUILOMBO DE MATA CAVALLO, 05/10/2021).

[...] essa do ar, aprendi com minha concunhada. [...] Quebrante, a do ar, também, você tem que fazer o sinal da cruz e ir rezando na mente e você não precisa falar alto, é só você mentalizar e rezar Pai Nosso, Ave maria e Salve Rainha. [...] Aprendi benzer de nervo rendido, quando você tá com torcicolo, rendidura (MARIA VERÔNICA, 55 ANOS, QUILOMBO DE MATA CAVALLO, 05/10/2021).

[...] eu benzo de arca caída, quebrante, zipela, e mordedura de cobra somente, cinco coisas, né? (EMILIANO VENÂNCIO, 67 ANOS, QUILOMBO DE MATA CAVALLO, 06/10/2021).

[...] principalmente, dor de dente. Dor de dente, benzi uma sobrinha meu uma vez que veio aqui chorando com dor de

⁸ Boaventura de Sousa Santos (2020) propõe que a ecologia de saberes e a tradução intercultural emergem da possibilidade de inteligibilidade crítica e articulada a diferentes contextos com base na diversidade de saberes, transformando-se em uma ferramenta capacitadora que se alicerça às lutas sociais contra os diferentes tipos de opressão e de dominação.

dente, aí, benzi, até hoje nunca mais doeu. [...] É, eu benzo de quebranto, dor de dente, e arca caída, né? Isso... [...] Com lenço. Exatamente. [...] Quebranto é com, com raminho de folha, né? (OZENIL, 59 ANOS, QUILOMBO DE MATA CAVALO, 05/10/2021).

Olha, animal quando tá doente, eu já benzi, mais eu num... Primeiramente, eu acho que Deus num dá... Esses dia, tava com uma égua meu aí, ela tava... eu é porque eu sei que ela tava no cio, desconfiei que ela tava no cio. Mais aí deu uma dor de barriga nela, ela caiu ali bem de frente ao Leonor: ‘oia essa égua tava rolando, rinchando, ela rolava, que eu soltava ficava socando os cocô com força, a coice... eu acho que era da dor, né?’ Aí eu falei ‘num tem nada ver, deixa eu tentar benzer prá ver se Deus ajuda que seja bão...’ Aí eu benzi ela, peguei o remédio com um pouquinho de farelo e um pouquinho de sal e arrumei o remédio e dei pra ela. Aí ela, eu com medo, ela vinha assim, tava loca, parecia que tava cega, num sei. E eu falei ‘meu Deus! Será que é loucura?’ (PAULINA MARTINS, 70 ANOS, QUILOMBO DE MATA CAVALO, 06/10/2021).

Percebemos, pelas falas dos(as) benzedeiros(as) e dos(as) curadores(as) locais de Mata Cavallo, as múltiplas configurações da benzeção, que é exercida nesse contexto de luta e resistência, do trabalho marcado pela inventividade, pela praticidade e pela educação que promove o compartilhamento desses saberes às gerações futuras e, principalmente, à valorização da vida. Dessa maneira, as diferentes benzeções, tais como as de mordedura de cobra, de arca caída, de dor de dente, de quebrante, de ar na cabeça, de erisipela, de rendidura e as ministradas em crianças e em animais são exemplos de saberes tradicionais, que são produzidos a partir dos saberes e dos fazeres curativos de homens e mulheres que desenvolvem suas próprias metodologias e instrumentos de trabalho pautadas na valorização da vida.

Sousa e Albuquerque (2021) afirmam que, além do dom da cura intrínseco ao(à) benzedeiro(a), diferentes saberes são mobilizados, cotidianamente, para aperfeiçoar o ofício de cura com base em sua trajetória sociocultural, produzidos e reinventados por meio de suas relações sociais entre os pares e também com outros grupos. Dessa maneira, esses especialistas da cura, além de diagnosticar as doenças, expressam a sensibilidade aguçada para diferenciar a tipologia da doença, ou seja, se é de origem espiritual ou física. “É preciso saber e tornar inteligível ao doente as causas de seu adoecimento, e

buscar formas de reconciliá-lo com antes aplicar-lhe uma terapêutica” (SOUSA; ALBUQUERQUE, 2021, p. 104).

Considerando que a doença, na perspectiva da medicina popular, não é vista de maneira multifacetada, como ela é concebida pela medicina erudita, a benzeção trata o benzido de maneira integral corpo, alma e espírito. Desse modo, o tratamento ordena-se a partir de diálogos, de diagnósticos, de rezas e de terapêuticas indicadas para cada caso específico, exemplo disso é a complementação ao tratamento com o uso de remédios feitos à base de plantas medicinais.

Nesse sentido, a benzeção, na função de prática de cura e de cuidado, promove concomitantemente o trabalho, a educação e, conseqüentemente, a humanização. O trabalho da benzeção funda-se a partir da medicina popular, que, na perspectiva de Oliveira (1985b), caracteriza-se como prática de cura diante dos problemas sociais enfrentados pelos grupos sociais oprimidos e marginalizados e, ao mesmo tempo, estratégia de “resistência política e cultural às práticas que regulam o comportamento daqueles que acreditam que ciência só se faz na universidade (OLIVEIRA, 1985a, p. 9).

O processo formativo, decorrente da proposta extensionista, tornou possível a reflexão dos(as) benzedeiros(as) quilombolas de Mata Cavalão na função de agentes de cura de utilidade pública no que diz respeito à produção das práticas de cura e de cuidado exercidas na comunidade. A sabedoria da benzeção que circula nesse contexto elabora-se a partir de outros saberes peculiares à referida comunidade, tais como os saberes do cerrado, bioma que contempla a flora local (plantas, cascas, raízes) para a produção dos remédios associados à prática da benzeção e, para isso, a garantia de seus territórios tradicionais é essencial para a produção e para o compartilhamento desse saber-fazer curativo às futuras gerações. Sobre essa questão da importância dos territórios para a produção da vida, apresentaremos uma breve reflexão a seguir.

A natureza e o território como elementos dos bem-fazer

Então, esta conexão, quando eu falo em uma conexão com a natureza, porque ela... a natureza, gente, ela é um ser maravilhoso. Porque tudo é por Deus, né? Então, não cai uma árvore, uma folha de uma árvore, se não for permitido por Deus. E quando eu busco rezar pra uma pessoa, pra um enfermo, primeiramente, a Deus e depois pedindo força à natureza. Porque a natureza, ela vem; o universo, ele consegue captar muita energia positiva em torno das pessoas... né? Porque... que bom que as pessoas tivessem, a maioria, esse conhecimento de falar com natureza, né? Agradecer a natureza. E isso, a gente recebe uma força assim, é fantástica isso, né? Então ela é uma das que ajuda mesmo, aí, quando cê vai benzer uma pessoa, se ela tá em casa, cê leva também o conhecimento das plantas, né? Que é o chá que a gente vai conhecendo, conhecendo aos poucos, né? (VANILZA, 60 ANOS, QUILOMBO DE MATA CAVALO, 05/10/2021).

173

A fala descrita acima, da benzedeira Vanilza, nos diz muito sobre o ofício da benzeção como trabalho e educação alinhados à potência da medicina, presente no cerrado de Mata Cavallo, pois a natureza é concebida como fonte de vida. Dessa maneira, a natureza é compreendida como um ser vivo que emana a cura e o cuidado, existindo, pois, uma rede de convivência que possibilita a interação harmônica entre humanos e outros seres não-humanos, revelando-se uma rica relação de interdependência.

Sobre isso, Krenak (2020), no livro *O amanhã não está à venda*, convoca a raça humana a reconectar-se à natureza, preservando-a no sentido de garantir a existência das gerações futuras. Nesse sentido, podemos refletir e indagar sobre como garantir a continuidade da vida no planeta sem respeitar os direitos da natureza? Desse modo, compreendemos que os saberes e os fazeres da benzeção estão atrelados ao território e à natureza como um ser sagrado, que oferece os processos de cura e de cuidado.

Falar de território remete-nos a outras tantas questões que perpassam as diferentes dimensões da vida humana, o que nos interessa aqui é fomentar problematizações quanto à importância do cerrado, ou seja, do território para a produção da existência, a interdependência dos(as) benzedeiros(as) quilombolas com a natureza. Desse modo, entendemos que é nos territórios tradicionais que a vida acontece, que novos saberes e fazeres são criados, recriados e compartilhados a partir das necessidades dos seres humanos que,

juntos, buscam alternativas para superação de suas dificuldades diante das diferentes problemáticas locais.

Os(as) benzedeiros(as) que vivem em Mata Cavalo ancoram-se no cerrado para a produção dos seus saberes e fazeres curativos, pois associam as rezas ao uso de remédios feitos à base de plantas medicinais. O cerrado ao redor de suas casas, suas hortas caseiras e seus quintais são “verdadeiras farmácias populares” (ALBUQUERQUE *et al.* 2016, p. 98), que lhes fornecem a matéria-prima suficiente para a produção da cura e do cuidado com o próximo.

Conforme sinalizam os estudos de Santos (2017), o povo quilombola de Mata Cavalo, há 126 anos, trava uma luta histórica incansável associada à resistência contra seus expropriadores (fazendeiros, grileiros, garimpeiros). As disputas por terras perpassam desde a violência física à simbólica, que resultam em discriminação, em exclusão e em preconceito. A ineficiência do Estado burocrático brasileiro, diante dos ataques sofridos por esse grupo étnico, torna o problema da falta de regularização fundiária mais grave ainda e, de certa maneira, impulsiona a violação dos direitos humanos desse povo.

Amorim (2017) ressalta que, no ano 2000, os quilombolas de Mata Cavalo receberam, pela Fundação Cultural Palmares, o reconhecimento e a formalização da existência de descendentes de escravos africanos no município de Nossa Senhora do Livramento-MT, atribuindo-lhes o título de comunidade quilombola. Mesmo diante dessa conquista, os conflitos perpetuam de maneira acirrada nos territórios tradicionais de Mata Cavalo.

À vista disso, estima-se que no quilombo de Mata Cavalo vivam 415⁹ famílias em condições de vida precárias: falta abastecimento de água adequado, dificuldade de acesso à assistência médica, às habitações insalubres e, também, “dificuldade de acesso as políticas concernentes aos grupos quilombolas” (SANTOS, 2017). A produção da existência em Mata Cavalo está estritamente articulada à cultura e à natureza, sendo essa concebida como um ser vivo que necessita ser salvaguardada para que seja possível a continuidade do ciclo da

⁹ Conforme dados apresentados por Amorim (2017, p. 46) em consulta ao cadastro da associação da referida comunidade.

vida nesse território quilombola. Sobre essa profunda interação com a natureza, a benzedeira Paulina Rosária relata:

[...] então, esse que a senhora tem lá é o Jatobá do campo. Lá em casa, um dia que cês for, na entrada de casa tem um pé de jatobá, aquele é do campo. E lá dentro da mata, do corgo, tem o jatobá do mato! Que é o que eu faço xarope. Então o que que acontece, pra trazer ele pra cá, eu num quis... Num existe mudinha, é o caroço... É igual essa menina explicou lá, vô esperar nascer o caroço, pra quando ela tiver grandinha, eu trago [...]. (PAULINA ROSÁRIA, 60 ANOS, QUILOMBO DE MATA CAVALO, 06/10/2021).

175

O desenvolvimento do ofício de benzedeiro(a), no contexto quilombola de Mata Cavalo, requer dos curadores locais da benzeção conhecer as propriedades curativas que o cerrado dispõe, relacionar esses saberes ao desenvolvimento de técnicas de plantio, cultivo de plantas utilizadas no preparo de remédios e, ainda, a produção da reza adequada para cada tipo de mal diagnosticado, caracterizada como a invocação da cura por meio da oralidade. A produção da cura e do cuidado fundamenta-se a partir das experiências cotidianas sustentadas em trocas comunitárias entre esses(as) benzedeiros(as) inventariados a partir de uma rede de saberes que floresce nesse contexto de luta e resistência.

[...] Aí, cê fala, dá o nome, faz tudo, trabalha, se esforça, eles ganha fama. Como falei pra Ingri, Ingri, ela ligou Pai Nenzinho à lavagem, falei eu to indo mas é uma lavagem mística, si fazer lavagem como foi aqueles anos, não conta com nós, se for só pra usar os quilombolas não precisa contar comigo, daí falei, eu to indo, pode ficar tranquila. Pego e vou, pra representar o quilombo, eu vou, tranquilo. Porque a minha terra vale mais, o meu povo vale mais, porque o mundo que nós tamos nele hoje, os povo quilombola é discriminado, ninguém reconhece nós como gente, ser humano, é invasor e nós não invasemo nada, nós tamo brigando por causa do nosso direito, e nosso direito que Deus deu, e vem de uma geração, então ali tá nosso pedaço de imbigio, ninguém que dá nosso pedaço de imbigio na mão de fazendeiro, essa que nós tem que pensar. Eu já pensei em desistir, já pensei de ir embora, eu já pensei em largar de tudo embora, e se eu largar? Porque, se todos os terreiros fosse uma força maior, nós tinha mais objetivo, mas cada um puxa de um lado. (SIZERNANDO, 63 ANOS, QUILOMBO DE MATA CAVALO, 07/10/2021).

O benzedeiro e pai de santo Sizernando, o famoso Nezinho, expressa, em sua fala, o seu posicionamento político de luta contra os fazendeiros, que

cercam o quilombo na tentativa de usurpar os territórios tradicionais que nutrem os saberes ancestrais da comunidade. A discriminação e a opressão são mecanismos que a estrutura colonial dominante se utiliza com a finalidade de segregar e de negar os direitos desse grupo étnico à saúde, à educação e, principalmente, à terra, elemento que torna possível o acesso ao alimento, à cura e, essencialmente, à produção da vida. Dessa maneira, podemos entender o território quilombola de Mata Cavallo como um espaço de compartilhamento de visões de mundos e de vivências de benzedeiros(as) sobre a cura e o cuidado em seus territórios.

Brandão (2002, p. 152) traz a ideia antropológica da educação por meio da cultura, que torna possível compreender as práticas religiosas – no caso, a benzeção – como espaços em que o processo formativo acontece pautado na cotidianidade e nas experiências comunitárias, que se revelam em ricos “territórios de trocas de bens, serviços e de significados”. Diante disso, consideramos imprescindível para o bem-fazer da benzeção a interação com a natureza na qualidade de madre que alimenta e nutre a vida coletiva, a luta pelos territórios, tornando possível a coesão do grupo que luta e resiste há mais de um século pelo direito à terra. O reconhecimento da terra como fonte de vida faz com que esses curadores locais da benzeção fundamentem seus saberes e fazeres a partir do pulsar da vida, contrariando a mentalidade capitalista sobre a vida e a saúde, ou seja, a mercantilização da vida.

Sobre uma situação específica, em que foi consultada por uma profissional da área da saúde, a benzedeira Estivina argumenta sobre as distinções quanto às terapêuticas realizadas pela medicina popular e àquelas praticadas pela medicina erudita.

[...] e eu falei, eu num sô gorda, eu tô inchada, e a muié _ ‘não, cê tá gorda’, _ ah, dotora, mais eu tô gorda como, que se eu num como coisa desagerada? Ela falou _ ‘não, mais ocê tá’. Falei _ ah! Ainda, ela falou assim _ ‘o que é que cê tomou?’ E eu falei _ é chá de boldo. É chá de boldo. Mas emagrece, esse o boldo daí emagrece qualquer um. [...] Eles ficaram queto, né? E perguntaram se eu tenho as plantas aqui medicinal prantada, eu falei _ eu tenho! eu tenho lá em casa, pode ir lá que eu tenho. Eu tenho mais fé nos remédios do mato do que dos médicos. [...] Remédio acaba com o estômago da gente, rebenta tudo! (ESTIVINA, 61 ANOS, QUILOMBO DE MATA CAVALLO, 05/10/2021).

É possível compreender, diante desse relato de Dona Estivina, a maneira com que a medicina exercida por essa benzedeira se articula à natureza e ao território para a solução de suas necessidades, ela não ignora a atuação e a eficácia da medicina erudita exercida pela médica citada, por isso recorre a esse atendimento. Entretanto, faz menção à preferência por remédios naturais e faz uma crítica aos remédios industrializados que representam a lógica do capital, a do lucro. A ciência da benzeção utilizada por Dona Estivina “[..] é gerada coletivamente, na sua relação direta com os oprimidos. É uma ciência que não pretende dogmatizar-se nem isolar-se dos valores sociais” (OLIVEIRA, 1985a, p. 76).

É essencial compreender que a produção, o compartilhamento do saber e o fazer da benzeção em Mata Cavalo estão relacionados à terra, considerando, nessa dinâmica, a luta dessa comunidade pelo direito aos seus territórios tradicionais e a utilização das técnicas e de práticas criativas no tratamento de males que atingem as pessoas afetadas. A resistência dessa comunidade articula-se a partir do enfrentamento a seus expropriadores, à preservação de seus rios e cerrado, a sua produção de alimentação saudável a partir de seus roçados, ao plantio e cultivo de plantas medicinais em seus quintais e/ou hortas caseiras. Sendo assim, entendemos que o ofício da benzeção exercido no contexto do quilombo também está fundamentado na religiosidade e na ancestralidade, que garantem a recriação, a continuidade e o compartilhamento da medicina popular às futuras gerações.

A ancestralidade e a fé a serviço da vida

A partir do processo formativo desenvolvido com os(as) benzedeiros(as) quilombolas de Mata Cavalo foi possível compreender, mediante observações, relatos e debates coletivos, o papel da ancestralidade na produção dos saberes e dos fazeres, concernentes à benzeção entre as gerações e a religiosidade representada em altares erguidos nas casas, em rezas sussurradas ou oralizadas; e a reverência aos santos ou a entidades espirituais de devoção tão comum entre esses homens e mulheres que exercem a benzeção. Quando perguntados(as) sobre quem os(as) havia ensinado a benzer, os curadores da benzeção responderam:

[...] eu pratiquei com meu pai. [...] É. Meu pai foi benzedor. [...] Morou uns tempo. Aí depois ele faleceu. Ele era baiano. [...] É. Eu aprendi com ele. [...] Eu só olhando ele fazer, ele nunca me ensinou. (EMILIANO VENÂNCIO, 67 ANOS, QUILOMBO DE MATA CAVALO, 06/10/2021).

[...] ó, eu, nós já viemos de geração em geração, né? Porque o Marcelino que era escravo, que era dono do terreiro maior aqui do Mata Cavallo. Era lá...daí ficou pra minha vó. [...] Marcelino Paes de Barros, ele era escravo. [...] Então são nossos antepassados, né? Aí, ele foi pra mãe de minha vó, daí que ficou eu. Eu, quando entrei pro Terreiro, tinha 10 anos, eu tô com 63 anos. (SIZERNANDO, 63 ANOS, QUILOMBO DE MATA CAVALO, 07/10/2021).

[...] meu pai era analfabeto, num escrevia não, mas tem uma sabedoria. Eu, eu assisti ele curar pessoas com lepra, que num tinha nem cabelo mais na cabeça. E, com isso, me interessei mais em aprofundar em remédio caseiro. ((PAULINA ROSÁRIA, 60 ANOS, QUILOMBO DE MATA CAVALO, 06/10/2021).

[...] sozinha. Foi ouvindo assim, eu aprendi sozinha. [...] Foi é, na verdade, eu aprendi benzer com uma tia, de benzer de arca caída. [...] Foi aí que aprendi benzer com ela, Hoje já morreu. [...] Hunrrum! Aí, o... com, aprendi benzer assim, eu tenho minhas oração e fui confiando nela e fui benzendo, né? Fiquei benzendo os povo confiando, traz as criança pra mim benzer e eu benzo. (LÚCIA CONCEIÇÃO, 66 ANOS, QUILOMBO DE MATA CAVALO, 05/10/2021).

[...] até hoje eu tenho a casca de cágado d'água que papai deixou pra mim. Pra eu pôr na garrafada e dá pra bebê recém-nascido. [...] Papai ensinou muita oração, mais eu faço oração pros'otro, ninguém duvide que eu faço. Eu sei como fazer minha oração, do jeito que ele me ensinou. Se eu quiser hoje à noite fazer uma oração pro senhor, o senhor pode viajar como fora, que eu tô te acompanhando. Do jeito que ele me ensinou. É pra criança, é pra adulto. Pai dele, pai dele benzia gente até com pau. O pai do meu pai. Ele podia tá andando pro mato, se ele encontrasse com o senhor e falasse assim ó: 'ocê num tá bem', já tirava o chapéu e te benzia ali mesmo no meio do mato e já panha um pedaço de pau e benzia. Eu, quando era criança, eu num alcancei as palavra dele. Eu vi ele, mas ele, porque ele era um, um baita dum negão alto e barbudo, e eu tinha medo dele (risos). (ESTIVINA, 61 ANOS, QUILOMBO DE MATA CAVALO, 05/10/2021).

Conforme Sousa e Albuquerque (2021) nas práticas e nos saberes de cura existem uma dimensão formativa que se desdobra na educação com o auxílio da prática social, diferentemente da educação institucionalizada, a educação do

cotidiano é feita, refeita e compartilhada em um contexto específico. O aprender com os antepassados faz com que a prática da benzeção seja ensinada e aprendida, ou seja, esses “saberes aprendidos no cotidiano formam homens e mulheres para a vida. Ao entrar em contato com eles, por meio de suas experiências socioculturais, esses conhecimentos tendem a ser incorporados à cultura familiar” (SOUSA E ALBUQUERQUE, 2021, p. 139).

O ofício da benzeção, praticado e exercido pelos antepassados ainda em situação de escravidão no quilombo de Mata Cavalo, aponta para a inventividade com que os quilombolas elaboravam seus modos próprios de lidar com as mazelas da vida, como a produção e a vivência de suas raízes culturais nos terreiros e/ou igrejas da comunidade. Desse modo, são (re)criadas estratégias para fortalecer seus saberes e seus fazeres curativos nesse contexto de luta e resistência ante os seus expropriadores e diante da dificuldade de acesso a médicos e a hospitais, forçando, ao longo dos tempos, os quilombolas de Mata Cavalo a recriarem as práticas de cura e de cuidado, tais como: a benzeção, as garrafadas, os chás, os lambedores, os emplastos, ou seja, os remédios feitos a partir da natureza. Elegendo, dessa maneira, os(as) benzedeiros(as) como uma especialidade dos curadores locais no trato e no cuidado com as pessoas da comunidade, como também suas produções de remédios, que se revelam em laboratórios de experimentos e farmácias vivas.

Quando alguns benzedores mencionam que aprenderam o ofício da benzeção sozinho, ou, como relata o benzedor Clemêncio, “[...] Deus que me deu essa inclinação pra mim. [...] É, Deus que me deu. Ninguém me ensinou, foi providência divina”, isso denota que a educação processada na prática da benzeção deu-se pela “postura de observação, silêncio ou escuta” (SOUSA E ALBUQUERQUE, 2016, p. 239). Desse modo, inferimos que a aprendizagem consolidou-se de modo solitário, porém olhando e escutando os mais experientes na prática da benzeção. Nesse sentido, a educação processada por meio da benzeção ancora-se em gestos, sussurros, rezas, escuta atenta, observação minuciosa e sabedoria da produção e elaboração de remédios.

A dimensão religiosa é central ao ofício da benzeção no quilombo de Mata Cavalo, onde a devoção aos santos católicos complementa o fazer curativo

da benzeção. Os santos são agentes que auxiliam na cura e no cuidado do benzido, a invocação da potência curativa articula-se a partir do Deus pai, o Espírito Santo, Deus filho, dos santos de devoção e das palavras do(a) benzedeiro(a). A religião católica é a mais praticada na comunidade, no entanto, temos benzedeiros(as) adeptos da umbanda e do candomblé, que são auxiliados(as) também por suas entidades espirituais.

Tanto as igrejas católicas quanto os terreiros são espaços comuns, em que os(as) benzedeiros(as) do quilombo de Mata Cavalo buscam forças espirituais e orientação para prosseguir curando e cuidando das pessoas na comunidade. Conforme alguns relatos, a benzeção é uma atividade que “puxa” muito a força do(a) benzedeiro(a), por isso, eles devem estar sempre preparados, fortalecidos e protegidos pelos seres não-humanos.

Constatamos, a partir do processo formativo, a importância da religiosidade e da ancestralidade para a promoção dos saberes e dos fazeres curativos concernentes à prática da benzeção no quilombo de Mata Cavalo, e como essas são essenciais para compartilhar esse ofício às novas gerações. Como relatou-nos o benzedor Emiliano Venâncio, numa oficina formativa:

[...] eu já benzi muito e ainda tô benzendo. E o povo que benzia, tá morrendo. Tá cabando. Então ela falou um, um, um ditado, que tá cabando as pessoas que benze, né? Então, ocê tem que olhar e retificá que, no lugar que a gente tá, tem que ficar outro, igual você falou ai aquecida, né? Então a gente mexe, cê já vai preparando outra pessoa para que signifique que fique no seu lugar. Porque o troço, ele vai andando, retificando, ele num fica parado. Isso aqui gira como se fosse o mundo, o mundo é uma bola, mas tem gente que fala assim: ‘o mundo é parado’. Não! O mundo gira, a Terra gira. Hum. Ela gira. Então nós giramos junto, então nós temo que fazer e deixar, porque um dia, se nós faltá, tem aquele pra cobrir, aquele nosso componente, aqueles que tão nascendo, né? E vem subindo. Esse, nós temos é obrigatoriamente deixar esses ensinios, porque próprio a palavra de Deus cobra. (EMILIANO VENÂNCIO, 67 ANOS, QUILOMBO DE MATA CAVALO, 23/11/2021).

Quintana (1999) entende a benzeção como uma prática social que se altera e se dinamiza ao longo do tempo, esse ofício, que se reconstrói permanentemente. Dessa maneira, os(as) benzedeiros(as) elaboram seus próprios sentidos articulados com a esfera social, a benzeção jamais será uma

prática estática, pois esse trabalho modifica-se a partir da realidade, da criatividade e da inventividade presentes no quilombo de Mata Cavallo.

Existe uma preocupação por parte desses(as) benzedeiros(as) no que tange à continuidade do exercício da benzeção na comunidade, tendo em vista que as novas gerações apresentam pouco interesse para aprender a prática da benzeção. Embora haja essa constante preocupação, felizmente, pelos relatos desses(as) curadores(as) locais, alguns jovens já vêm iniciando nesse campo de atuação, como descreve a benzedeira Paulina Rosária (60 ANOS, QUILOMBO DE MATA CAVALLO, 23/11/21): “óia, é que nem a neta dessa daqui, ela num sabe que a Nanda vai ser benzedeira. Ela já pede pra benzer. Um dia, cheguei lá, ela pegou e falou assim, primeiro eu benzí ela, depois ela falou assim: ‘tia, deixa eu benzê a senhora?’ E pegou a foia, diz que foi me benzer”.

No ofício da benzeção, as vertentes religiosas associam-se ao exercício da fé, que tem a crença e o amor como mecanismos para que a produção da vida floresça e seja compartilhada no quilombo. Desse modo, a espiritualidade e os saberes e os fazeres curativos da benzeção no contexto de Mata Cavallo são ensinados e aprendidos por meio da ancestralidade, que contempla as influências do catolicismo, como, também, de outras religiões de matriz africana (umbanda e candomblé). Assim sendo, o processo de ensino e aprendizagem da benzeção fundamenta-se a partir do poder da palavra, da observação, da escuta atenta e da imitação, que permite que os(as) benzedeiros(as) transitem entre o mundo material e o espiritual, nesse último, com o auxílio dos seus santos católicos e/ou das entidades espirituais, para garantir a eficácia no trabalho e o reconhecimento social pela comunidade da figura do(a) benzedeiro(a) quilombola de Mata Cavallo.

Considerações finais

O processo formativo realizado a partir da proposta extensionista “Conhecimentos tradicionais e o direito de reconhecimento de benzedeadas e benzedores do quilombo de Mata Cavallo/Nossa Senhora do Livramento”, possibilitou-nos adentrar no universo dos(as) benzedeiros(as) do quilombo de Mata Cavallo, compreender suas visões de mundo, bem como as suas lutas

territoriais como fator indispensável para a produção de suas existências. O ofício da benzeção, nesse contexto, está associado à interdependência desses curadores locais com as plantas medicinais do cerrado, com a ancestralidade e com a religiosidade que regam as práticas de cura e de cuidado concernentes à benzeção.

O modo de ser benzedeiro(a) no quilombo de Mata Cavalo fundamenta-se a partir dos saberes e dos fazeres curativos, os quais emergem por meio da experiência que se dá no cotidiano das relações sociais. A habilidade de manipular as palavras de cura, as rezas específicas para cada mal e a sabedoria adquirida proveniente do cultivo e das técnicas de preparo de remédios feitos das plantas medicinais (cascas, sementes, raízes, frutos, flores) são aprendidos, elaborados e compartilhados a partir da observação criteriosa da escuta atenta e da imitação.

A educação que se processa por meio da benzeção não está relacionada ao âmbito da educação formal, mas situa-se no campo da vida cotidiana e do conhecimento, saberes e fazeres criados, recriados e compartilhados diante da situação de vulnerabilidade social cujos(as) quilombolas vivem na referida comunidade. A luta pela terra, pela preservação do cerrado, pelo acesso à água potável, pela soberania alimentar são direitos que os(as) benzedeiros(as) e outros moradores do quilombo reivindicam, em virtude dos atos negligentes dos seus expropriadores e dos diferentes níveis de governo, no cotidiano de luta, de opressão e de discriminação vivenciados por esses sujeitos sociais. O ofício da benzeção, exercido no quilombo de Mata Cavalo, requer coragem, coletividade, fé na luta e na resistência contra os ditames da classe dominante, para garantir a produção de saberes e de fazeres alinhados aos seus territórios tradicionais, à espiritualidade e à ancestralidade.

O desenvolvimento da proposta extensionista possibilitou-nos, na função de pesquisadores(as), conhecer e problematizar a benzeção como possibilidade de trabalho, de formação humana e de manutenção da vida em um contexto quilombola de luta e de resistência, esse ofício tradicional, que insurge a lógica cartesiana e capitalista, manifesta-se como uma estratégia que se contrapõe à expropriação da vida. Nesse sentido, os diálogos estabelecidos, entre a

universidade e os curadores locais, traz, para o âmbito acadêmico, essas outras educações elaboradas por essa comunidade subalternizada, e possibilita o reconhecimento, a valorização e o protagonismo dos(as) benzedeiros(as) quilombolas no ofício de curar, de cuidar e de educar no cotidiano quilombola local.

Diante dessas breves reflexões, apontamos outros espaços possíveis para a consolidação do ensino e da aprendizagem, seja no cerrado, sejam nos quintais ou nos terreiros do quilombo de Mata Cavallo, para além disso, a prática da benzeção rompe com a ideia ocidentalizada de que a educação processa-se apenas por meio da escola e pelas matrizes da ciência moderna. Apresentamos, neste texto, novas bases epistemológicas para pensar não somente a educação não escolar, como também evidenciar o protagonismo de outros mestres da educação: os(as) benzedeiros(as) quilombolas de Mata Cavallo, os(as) quais cuidam, curam e educam, integrando a dimensão mágico-religiosa em seu trabalho, revelando-se em autênticos(as) doutores(as) do cerrado.

Referências

ALBUQUERQUE, M. B. B.; SOUSA, M. B. Saberes Culturais. In: ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de; PACHECO, Agenor Sarraf (Orgs.). **Uwa'kürü** - dicionário analítico - Rio Branco: Nepan, p. 230-250, 2016.

ALBUQUERQUE, M. B. B. *et al.* **Saberes da Experiência, Saberes Escolares: diálogos Interculturais**. Belém, Eduepa, 2016. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/18p9qM3Ds168V2ZgcE7OmYnYqJIRCJsJ-/view?usp=sharing>. Acesso em: 16 mar. 2022.

AMORIM, P. M. de. **Latas d'água nas cabeças: percepções sobre a água na Comunidade Quilombola de Mata Cavallo**. Dissertação (Mestrado em Educação). Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2017.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

BRASIL. **DECRETO Nº 5.813, DE 22 DE JUNHO DE 2006**. Brasília, DF: Presidência da República, 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5813.htm. Acesso em: 15 jul. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. **Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL. **DECRETO Nº 6.040, DE 7 DE FEVEREIRO DE 2007**. Brasília, DF: Presidência da República, 2007. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/Decreto/D6040.htm. Acesso em: 15 de jul. 2022.

KOSÍK, K. Dialética da totalidade concreta. In: KOSÍK, Karel. **Dialética do concreto**. Tradução Célia Neves e Alderico Toríbio. 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 13-64.

KRENAK, A. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Cia das Letras, 2020.

LEITE, I. B. **Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas**. *Revista Etnográfica*, v. 4, n. 2, p. 333-354, 2000. DOI: <https://doi.org/10.4000/etnografica.2769>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/2769>. Acesso em: 15 jul. 2022.

MARX, K. **O Capital**. Crítica da economia política. Livro Primeiro – O processo de produção do capital. vol.1. São Paulo: DIFEL, 1982.

MARX, K. **Manuscritos econômicos filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

OLIVEIRA, E. R. **O que é Benzeção**. São Paulo: Brasiliense, 1985a (Coleção Primeiros Passos).

MARX, K. **O que é Medicina Popular**. São Paulo: Brasiliense, 1985b (Coleção Primeiros Passos).

QUINTANA, A. M. **A ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise**. Bauru: EDUSC, 1999.

SANTOS, D. L. M. S. **Território, luta e educação: dimensões pulsantes nos enfrentamentos dos conflitos socioambientais mapeados no Quilombo de Mata Cavalo**. Dissertação (Mestrado em Educação). Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2017.

SANTOS, B. S. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul**. 1ª ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SAVIANI, D. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos**. *Revista Brasileira de Educação*, v. 12, n. 34, p. 152-180, jan./abr. 2007.

SOUSA, M. B.; ALBUQUERQUE, M. B. B. Benzer, orar e educar: percursos de uma curadora da Amazônia. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, n.34, 2018.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 20, p. 31-45, jul./dez. 2009.

VÍDEO O TRABALHO COLETIVO, **ACERVO GEPTE**, 1 vídeo (20m), 2021. Disponível em:
<https://onedrive.live.com/?cid=E7D42EFD497B5D56&id=E7D42EFD497B5D56%213741&parId=E7D42EFD497B5D56%213740&o=OneUp>. Acesso em: 18 mar. 2022.